



- EDITORIAL NACIONAL E APRESENTAÇÃO DA REVISTA, E EDITORIAL INTERNACIONAL – A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL VAI COMEÇAR
- ARTIGOS LIVRES: GÊNERO, FEMINISMO, SAÚDE MENTAL, EDUCAÇÃO AMBIENTAL, ENSINO-APRENDIZAGEM E CRIANÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE
- DOSSIÊ: ESTRESSE DE MINORIAS E EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DE REDES DE APOIO, CUIDADOS E REFERÊNCIA
- PAUTAS INSUBMISSAS: ENTREVISTA E ENSAIOS

Revista Debates Insubmissos



REVISTA DEBATES INSUBMISSOS

ANO VIII – V.8, Nº 30 – setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2025 – ISSN 2595-2803

É uma publicação quadrimestral editada pelo Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As ideias e opiniões contidas em artigos assinados ou entrevistas nesta publicação são de responsabilidade de seus(as) autores(as), não refletindo, necessariamente, o pensamento epistemológico e político deste Grupo de Pesquisa ou de seus Editores.

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista Debates Insubmissos / Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, Universidade Federal de Pernambuco. – Vol. 1, n.1 (abr. 2018). – Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, 2018- .

Quadrimestral

ISSN 2595-2803

1. Movimentos Sociais – Periódicos. 2. Educação e Diversidade – Periódicos. I. Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.

CDD (23.ed) 303

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
GRUPO DE PESQUISA MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa

Carol Virgínia Góis Leandro

Diretor do Centro Acadêmico do Agreste (CAA)

José Dilson Beserra Cavalcanti

Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Allene Carvalho Lage

Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Everaldo Fernandes da Silva

Editores

Allene Carvalho Lage, Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses

Conselho Editorial Nacional

Adriano de León (UFPB); Alexandra Lima (UERJ); Ana Elisa de Castro Freitas (UFPA); Anderson Ferrari (UFJF); André Ferreira (UFPE); Benedito Medrado (UFPE); Caetano de Carli (UFRPE); Cássio Eduardo Viana Hissa (UFMG); Conceição Clarette Xavier Travalha (UFMG); Danilo Streck (UNISINOS); Debora Cristina Rezende de Almeida (UnB); Ernani Rodrigues de Carvalho Neto (UFPE); Everaldo Fernandes (UFPE); Fernando Guilherme Tenório (FGV); Gildemarks Costa e Silva (UFPE); Inês Virgínia Prado Soares (Unicamp); Jader Ferreira Leite (UFRN); Jaqueline Barbosa (UFPE); Jefferson de Souza Bernardes (UFAL); Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (UFPE); Júlia Figueredo Benzaquen (UFRPE); Lemuel Guerra (UFCG); Lourenço da Conceição Cardoso (UNILAB); Luis Távora Furtado Ribeiro (UFC); Luiz Augusto Passos (UFMG); Márcia Nina Bernardes (PUC/RJ); Márcio Caetano (FURG); Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG); Marcos Antonio Ferreira do Nascimento (FIOCRUZ); Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL); Maria do Carmo Gonçalves Santos (UFPE); Maria Lúcia Lima (UFPA); Maria Luiza Alencar (UFPB); Mario de Faria Carvalho (UFPE); Mary Ferreira (UFMA); Miriam de Fátima Chagas (MPF/RS); Mônica Franch (UFPB); Nélcio Vieira de Melo (UFPE); Orlandil de Lima Moreira (UFPB); Oscar Rover (UFSC); Rebecca Abers (UnB); Regina Facchini (UNICAMP); Telmo Adams (UNISINOS); Thiago Aparecido Trindade (UnB); Thula Rafaela de Oliveira Pires (PUC/RJ); Virgínia Leal (UFPE).

Conselho Editorial Internacional

Ana Maria Simões Azevedo Brandão (UMinho - ICS, Portugal); Bruno Sena Martins (Portugal); Eugénie Eyeang de Libreville (ENS, Gabão); Eurídice Monteiro (UCV, Cabo Verde); Evangelina Bonifácio (ESEB- IPB, Portugal); Fatima Viegas (UAN, Angola); Fernando Lopez Parra (IAEN, Equador); Fodé Abulai Mané (FDB, Guiné-Bissau); Hector Fabio Ospina (UM, Colômbia); Inés Fernandez Moujan (UNRN, Argentina); Isabel Casimiro (UEM, Moçambique); José Antonio Frías (US, Espanha); José Maria Hernandez (US, Espanha); José Tranier (UNR, Argentina); Michel Maffesoli (UPD, França); Odair Barros Varela (UCV, Cabo Verde); Osvaldo Moreira (UNI – Paraguai); Pauline Mendes (INEP, Guiné-Bissau); Zélia Anastácio (UMinho, Portugal).

Redação

Cinthia Genelice dos Santos (UFPE); Daiany de Oliveira Santos (UFPE); Ericka Omena Erickson (SFSU - Estados Unidos); Fábila Roseana Souza Oliveira da Silva (UFPE); Filipe Antonio Ferreira da Silva (UFPE); Jessica Priscila Garcia de Souza (UFPE); Joana Teixeira Ferraz da Silva (UMinho, Portugal); Marciano Antonio da Silva (UFPE); Márcio Rubens de Oliveira (UFPE); Perycles Emmanoel Gomes de Macedo (UFPE); Rafaela Sofia Gonçalves Ribeiro (UMinho, Portugal); Rubem Viana de Carvalho (UFPE); Sérgio Antônio Régio (UMinho, Portugal); Simone Salvador de Carvalho (UFPE).

Tradução e/ou Revisão dos Resumos

Ericka Omena Erickson

Projeto Gráfico

Ubiratan Egito

Capa

Mosaico de imagens elaborado pelo designer Janielson Cavalcante de Almeida.

EDITORIAL

EDITORIAL

A cada avanço conquistado no campo dos direitos sociais e humanos, decorrentes de lutas históricas, há sempre o espectro do retrocesso, promovido por grupos e forças conservadores que se articulam para derrubar os direitos ou compreensão social progressista alcançada. Produzem nesse sentido, contranarrativas de ampla difusão, para distorcer as percepções de uma nova realidade, principalmente em bolhas digitais de ultradireita.

Entre as muitas investidas da direita ultraconservadora às conquistas feministas sobre proteção, direitos e emancipação da mulher, o movimento *Red Pill* atualmente é percebido com mais força de enfrentamento, especialmente nas redes sociais bolsonaristas, e vem violentamente afirmando a superioridade do homem, enquanto prega o enfraquecimento e a inferiorização da mulher.

Red Pill é um nome apropriado do filme *The Matrix* (1999) protagonizado Keanu Reeves, no papel de Neo, um jovem hacker, convocado para participar de um movimento de resistência liderado por Morpheus (Laurence Fishburne), que lutava contra a dominação dos humanos pelas máquinas. Nesse filme, há uma cena central, quando o Morpheus oferece ao Neo dois comprimidos (pílulas) de cores diferentes, para que ele escolhesse um: o primeiro na cor azul, que faria com ele continuasse a viver na ilusão de um mundo perfeito, e o outro, na cor vermelha, que o faria despertar para descobrir a verdadeira realidade. Qualquer que fosse a pílula escolhida e o seu consequente resulta, Neo não poderia voltar atrás, e, por arrependimento tomar a outra pílula.

Em síntese, Neo escolhe a pílula vermelha e ao acordar descobre que a raça humana está dominada pelas inteligências artificiais. Além de descobrir que o movimento de resistência acredita que ele é o Escolhido, como um Messias que viria libertar a humanidade da escravidão da Matrix.

Nesse sentido, o movimento de ultradireita *Red Pill*, procura vincular-se ao sentido desse filme, argumentando que os homens devem tomar a pílula vermelha para acessar a verdade, e descobrir que o feminismo tem enfraquecido os homens no que se refere a sua masculinidade. Esse movimento atua nas redes digitais, difundindo um discurso misógino, de que os homens estão sendo dominados ou enganados pelos discursos do feminismo e por isso perdendo o poder e a masculinidade forte, e, portanto, precisam “tomar a pílula vermelha, para despertar e para recuperar sua virilidade de macho-alfa, não se rendendo à fragilidade emocional ou a uma masculinidade duvidosa. E para tal fim, disseminam nas redes sociais violência psicológica, misoginia, assédio e feminicídio, fomentando ódio contra as mulheres, visando sua subalternização e submissão.

Este movimento tem como ponto de partida, narrativas misóginas de influenciadores que vendem cursos de masculinidade (tóxica), que ensinam aos homens (frouxos) presos nas bolhas de ultradireita a resgatarem o macho-alfa que foi abafado pela “ideologia” feminista das mulheres bruxas, más e perigosas. E assim, reposicionar no mundo o valor das fêmeas-betas obedientes e submissas para o bem da humanidade.

Desse modo, para combater a masculinidade frágil será imprescindível promover a desumanização feminina. Não é à toa que ouvimos com alguma frequência, inclusive em programa televisivo de alta audiência, homens (e também mulheres), chamarem mulheres fortes e inteligentes de desumanas, termo muito utilizado pelo movimento *Red Pill*.

E como combater essa narrativa cada vez mais forte nas redes digitais da ultradireita? E como a educação pode combater essa violência discursiva que se torna objetiva dentro dos relacionamentos entre homens e mulheres, resultando em assédio, violência doméstica e feminicídio, tornando desse modo essa violência propagada, concreta e objetiva?

Acredito que a criminalização da misoginia nas redes digitais seja um passo fundamental e urgente, pois a Internet como já foi muito propagada, no Brasil, não é terra sem lei, e, portanto, é preciso responsabilizar criminalmente as *big techs*, por permitirem estes discursos e sua propagação através dos algoritmos. E também criminalizar pessoas e grupos que espalham e fomentam o crescimento do movimento *Red Pill* nas redes digitais. Além de criminalizar a misoginia no Brasil, tal como foi feito com o feminicídio.

No campo da educação, escolas públicas e privadas devem ser obrigadas a fazerem campanhas permanente contra a misoginia, com apoio dos governos – municipal, estadual e federal –, com cartazes, cartilhas e demais recursos para que esse tema seja uma pauta permanente dentro das escolas. Mas sem deixar de fora dessas campanhas permanentes outras pautas contra as minorias (ou maiorias minorizadas), como o racismo, a homofobia, a transfobia, o capacitismo, o etarismo entre outras.

Apresentação dessa Edição

Após este editorial, seguimos com a apresentação do Editorial Internacional de Boaventura de Sousa Santos, denominado **A Terceira Guerra Mundial vai começar**. E na sequência todos os trabalhos das seções Artigos Livres, Dossiê e Pautas Insubmissas.

A Seção Artigos Livres, está composta por cinco artigos. O primeiro artigo de autoria da Doutora Waléria Batista da Silva Vaz Mendes (IFGO) e da Mestra Cátia Dias Marques (IFGO), denominado **Gênero e feminismo: como dispositivo de saúde mental para mulheres surdas no Projeto Mulheres Mil**, objetiva fazer uma apreciação crítica das produções audiovisuais *Sou Mulher*, *Sou Surda!* e *Seremos Ouvidas*, permite compreender, segundo suas autoras, por meio de narrativas autobiográficas, que, embora a Libras seja regulamentada no Brasil, mulheres surdas continuam a enfrentar barreiras linguísticas resultando em desafios ao acesso à informações que intensificam a desproteção e as múltiplas formas de violência de gênero.

No segundo artigo, os autores(a), o Doutorando Mateus de Souza Duarte (UFS), o Especialista Emerson Xavier Guerreiro (SEMED-AM) e a Doutora Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos (UEA) nos apresentam o artigo **Aulas remotas: experiências e desafios no processo de ensino-aprendizagem no ensino fundamental**, que procurou investigar os desafios vivenciados por uma aluna do 5º ano do Ensino Fundamental durante as aulas remotas, no período da pandemia da Covid – 19, na cidade de Parintins/AM, ano de 2021. Segundo os(a) autores(a), com este estudo, foi possível compreender como ocorreu o processo de ensino e aprendizagem dessa aluna, analisando os principais desafios vivenciados, como a precariedade da *internet* para acesso dessas aulas, a dificuldade em assimilar os conteúdos e a sobrecarga de atividades.

O terceiro artigo, de autoria do Doutor Cristiano Eduardo da Rosa (SESI-RS) e da Doutora Jéssica Tairâne de Moraes (PMNH-RS) com o título **Mapeando Pesquisas: o que se tem perguntado às crianças pequenas acerca de gênero e sexualidade?**, teve por objeto mapear as dissertações e teses do eixo temático “Infâncias, Gênero e Sexualidade”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, com foco em pesquisas com crianças pequenas sobre essas temáticas. Segundo os(as) autores(as), as produções evidenciam como crianças de 4 a 6 anos constroem sentidos sobre gênero e sexualidade, muitas vezes tensionando *scripts* normativos impostos culturalmente.

No quarto artigo da Seção Artigos Livres, de autoria da Doutoranda Michelle Brugnera Cruz Cechin (FPA) e da Doutora Cristianne Maria Famer da Rocha (UFRGS), com o título **Barbie vai ao ginecologista: menstruação, teologia feminista e biopolítica farmacopornográfica no cinema**, tem como objeto de investigação o filme *Barbie* (2023), dirigido por Greta Gerwig, e suas representações da menstruação, da teologia feminista e dos discursos biopolíticos e farmacopornográficos presentes na cultura contemporânea. O objetivo do artigo, foi investigar como o filme articula a transição de Barbie de um símbolo de fantasia consumista para uma representação do corpo feminino cíclico, sexuado e medicalizado.

No quinto artigo da Seção Artigos Livres, de autoria do Doutor Michel Mendes (UFG) e Bacharel Thiago Gonzaga Jayme (UFG) com o título **Educação ambiental nos livros didáticos do PNLD 2021: desafios e oportunidades para uma abordagem crítica**, investigou como a temática ambiental é tratada nesses materiais, identificando a presença (ou ausência) de discussões críticas sobre questões ambientais, bem como avaliar se as abordagens adotadas contribuem para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, alinhados aos princípios da Educação Ambiental Crítica. Segundo os autores, os resultados indicam que, embora a EA esteja presente, sua abordagem tende a ser superficial e fragmentada, com ênfase em práticas individuais e informativas, em detrimento de uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e as desigualdades que perpetuam a degradação ambiental.

A Seção Dossiê, com o tema **Estresse de minorias e educação: perspectivas pedagógicas para a formação de redes de apoio, cuidados e referência**, coordenada pelos Professores Doutorando Márcio Rubens de Oliveira (UFPE), Doutor Nélvio Vieira de Melo

(UFPE) e o Doutor Jorge Júlio de Carvalho Valadas Gato (FPEUP – Portugal) reúne quatro artigos.

O primeiro deles, de autoria da Doutora Juliana da Rosa Pureza (Univ. Feevale), da mestranda Myllena Diessy da Silva (Univ. Feevale) e da bacharela Amanda Doneda (UPF) é intitulado **A família como fator de risco e proteção ao estresse de minorias e saúde mental em adolescentes LGBT: uma revisão narrativa**. O segundo artigo, do Doutor Daniel Cerdeira de Souza (UFAM), do Licenciado Nazilene Oliveira da Silva (INC/UFAM) e da Licenciada Alessandra Nogueira de Mello (INC/UFAM) é denominado **Homossexualidade na escola: revisão de literatura**.

O terceiro artigo, do Doutor José Ivanildo Felisberto de Carvalho (UFPE), do Mestre Davi da Silva Nascimento (UFPE) e do Mestrando Wesley de Arruda Maciel (UFPE) tem por título **Multiplicando diferenças: uma análise de questões elaboradas por licenciandos a favor da diversidade LGBT+ nas aulas de matemática**. E o quarto e último artigo do dossiê, da Doutora Ângela Maria Moura Costa (UNICENTRO) é designado por **Entre Silenciamento e Resistência: mulheres negras no ensino superior**.

8

Finalmente, a Seção Pautas Insubmissas reúne uma entrevista e quatro diversos escritos em forma de ensaio e artigo.

Em primeiro lugar temos a entrevista realizada pelo Doutor Marciano Antônio da Silva (UFPE) intitulado **Homens, masculinidades e feminismos: entrevista com Daniel Jones (Universidade de Buenos Aires)**. A escolha da entrevista se deu pelas pesquisas que o professor Daniel Jones tem realizado em sua trajetória científica, bem como sua atuação no *Instituto de Masculinidades y Cambio Social*, uma organização feminista que desenvolve um trabalho com homens na Argentina.

Em seguida, o Doutorando Leonardo Régis de Paula (UERJ) e a Doutora Aline Kelly da Silva (UFAL) nos trazem o trabalho denominado **12 de outubro: o sistema de garantia de direitos da criança e adolescente e suas heranças coloniais** no qual investigam como as políticas de assistência social no Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente articulam-se com lógicas coloniais produzindo territórios e infâncias desiguais marcados pelo racismo.

No terceiro texto, o Mestre Acáz Petrus Soares (UPE), a Doutora Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes (UPE) e o Graduando Joandson Rodrigues Rocha (UPE), designado **Perfil epidemiológico de gestantes diagnosticadas com diabetes gestacional em unidade básicas de saúde de Petrolina (PE)**, refletem sobre a Diabetes Gestacional como de interesse da saúde pública mundial, por se apresentar como um preditor do surgimento de complicações na gestação e estar associada à alta mortalidade.

E por último, no quarto trabalho, para fechar esta seção, o Doutorando Marco Cunha (UFES) nos apresenta um trabalho intitulado **Relações de gênero em uma escola da rede municipal do município de Viçosa – Minas Gerais (2015-2023)**, no qual analisa os espaços escolares a partir da ocupação territorial dos estudantes do turno matutino (6º ao 9º ano), focando nas questões de gênero. O principal objetivo da pesquisa, foi acompanhar as interações diárias dos(as) alunos(as), observando as normas de territorialização nos espaços da escola com ênfase nas relações de gênero.

Desse modo, concluímos mais um número da nossa Revista, tentando fazer alguma discursão sobre alguns dos desafios dos nossos tempos. A ciência, como a política e as organizações da sociedade civil têm a capacidade de mudar as histórias de opressão e criar um pensamento crítico contra as violências sociais, e em defesa da divulgação de estudos que mostram que esses caminhos são possíveis e já estão a acontecer.

Como pesquisadores e pesquisadoras, seguimos com os nossos compromissos de visibilizar e anunciar os caminhos de um mundo em transformação, apoiado na ética, na valorização da vida e na educação que dignifique o potencial humano. Estamos vigilantes!

Fevereiro de 2025.

Allene Lage

(Co-editora)